

# A PRÁTICA PSICOLÓGICA DA DASEINSANALYSE POR BILÊ TATIT SAPIENZA

BILÊ TATIT SAPIENZA'S DASEINSANALYTICAL PRACTICE

LA PRÁCTICA PSICOLÓGICA DEL DASEINSANALYSE POR BILÊ TATIT SAPIENZA

*Gisleide da Costa Santos\**

*Paulo E. R. A. Evangelista\*\**

## RESUMO

Esta pesquisa visa sistematizar o entendimento da prática psicológica da Daseinsanalyse subjacente nas obras da psicóloga Bilê Tatit Sapienza, por meio de uma revisão bibliográfica. Após uma introdução ao tema, são sintetizados os processos psicoterapêuticos contemplados pela autora em seus livros. Em seguida, explicitamos a compreensão da terapia daseinsanalítica da autora, as competências exigidas para essa modalidade e a descrição da existência do paciente à luz da fundamentação filosófica que sustenta esta clínica. Concluímos que Sapienza, ao longo de sua obra, preocupa-se em preservar a seriedade da Daseinsanalyse, sendo sua proposta uma clínica voltada à aproximação genuína com cada paciente, favorecendo um vínculo que conduz às ressignificações, à mudança de olhar e ao surgimento de novas possibilidades da relação da existência com seu mundo.

**Palavras-chave:** Análise Existencial. Daseinsanalyse. Psicoterapia. Martin Heidegger.

## ABSTRACT

This article aims to systematize the understanding of daseinsanalytical practice underlying the work of psychologist Bilê Tatit Sapienza through a literature review. After an introduction to the topic, we summarize the psychotherapeutic processes outlined by the author in her books. Then, we clarify the author's understanding of daseinsanalytical therapy, the skills necessary for this clinical modality, and the patient's existence in the light of the philosophical foundations that support it. We concluded that, throughout her work, Sapienza is concerned with preserving the seriousness of Daseinsanalysis. In her clinical propositions, she focuses on the formation of a genuine connection with each patient, favoring a bond that leads to new meanings, to the changing of one's view, and the emergence of new possibilities for them to relate existence to their world.

\* Texto recebido em 15 de junho de 2020 e aprovado para publicação em 03 de agosto de 2020

Graduada em Psicologia e Mestranda em Psicologia Social. Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, Brasil. *E-mail:* gisleide.scosta@gmail.com

\*\* Doutor em Psicologia. Professor do Departamento de Psicologia. Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, Brasil. *E-mail:* pauloangelista.ufmg@gmail.com

**Keywords:** Existential Analysis. Daseinsanalysis. Psychotherapy. Martin Heidegger.

## RESUMEN

Esta investigación tiene como objetivo sistematizar la comprensión de la práctica psicológica del Daseinsanalyse subyacente a las obras de la psicóloga Bilê Tatit Sapienza, mediante una revisión literario. Después de una introducción al tema, se resumen los procesos psicoterapéuticos narrados por la autora en sus libros. Luego, explicamos la comprensión de la autora de la terapia daseinsanalítica, las habilidades requeridas para esta modalidad clínica hasta la descripción de la existencia del paciente a la luz de la base filosófica que sustenta la clínica. Concluimos que Sapienza, a lo largo de su trabajo, se preocupa por preservar la seriedad de la Daseinsanalyse, siendo su propuesta una clínica centrada en una aproximación genuina para cada paciente, favoreciendo un vínculo que conduce a nuevos significados y al surgimiento de nuevas posibilidades de la relación del ser con su mundo.

**Palabras clave:** Análisis existencial. Daseinsanalyse. Psicoterapia. Martin Heidegger.

## 1 INTRODUÇÃO

Roehle (2012) defende que a Psicologia, como ciência humana, pode recorrer à analítica do ser proposta por Heidegger, não no sentido de estudar o homem de modo genérico como integrante da natureza, mas de investigar o modo de ser do humano. A Daseinsanalyse, às vezes referida como Análise Existencial, tem sua fundamentação teórica na obra do filósofo Martin Heidegger, sendo elaborada como possibilidade clínica pelos psiquiatras Ludwig Binswanger e Medard Boss (Feijoo, 2011). As divergências da clínica analítico-existencial com o modelo técnico-científico se encontram desde sua fundamentação filosófica, que não se encaixa em um sistema filosófico tradicional (Sapienza, 2007; 2015); passando por seu método fenomenológico, que postula a suspensão de toda teoria que possa aparecer como entrave à aproximação do fenômeno (Feijoo, 2011); até seu modo de trabalhar, que não se rende ao método técnico, independente do sujeito que o executa, impessoal e excludente de tudo que interfere na eficácia (Pompeia & Sapienza, 2011). A Daseinsanalyse é, para Sapienza (2004, p. 20), “artesanal”, ou seja, de criação exclusiva para cada paciente.

A Daseinsanalyse, enquanto prática clínica, não possui um conceito de homem construído de forma hermética e abordado indiretamente através de construtos metapsicológicos (Costa, 2017). O protagonista dessa prática clínica é a existência singular de cada paciente. Freitas (2011) descreve a terapia daseinsanalítica como sendo o espaço propício para que, por meio da linguagem, o paciente revele seu mundo a si mesmo e ao seu terapeuta, de modo que a “clínica consiste em abrir um espaço para que o outro se conquiste em sua alteridade. Abrir espaço, sem conduzir; traduzir, sem mapear um caminho que leve a algo como uma conscientização” (Feijoo, 2011, p. 35).

Dados publicados pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP, 2013) mostram que as mulheres ocupam 89% da profissão, representando uma população massiva de psicólogas no Brasil. Entretanto, um questionário de pesquisa de opinião aplicado às(aos) psicólogas(os) sobre os profissionais ou acadêmicos que desenvolvem trabalhos na área da Psicologia e correlatas que mais admiram ou têm como referência, revelou que dos vinte nomes mais citados apenas dois são mulheres (CFP & IBOPE, 2004). Assim, ficou clara a importância de se estudar mulheres que estão produzindo conhecimento, mesmo com o protagonismo lhes sendo negado.

Sendo assim, visando contribuir para uma maior compreensão e divulgação da prática terapêutica da Análise Existencial (Daseinsanalyse), o presente artigo debruça-se sobre as obras de Maria de Jesus Tatit Sapienza, conhecida como Bilê. Além do fato de ser mulher, favorece a escolha de estudar a obra desta terapeuta sua contemporaneidade e a nacionalidade brasileira, o que aproxima sua prática terapêutica do contexto sócio-histórico ao qual se aplica. Ademais, ela não faz parte do grupo original responsável por fundar a Daseinsanalyse no final da década de 1970. O objetivo deste artigo é sistematizar a obra de Sapienza, de modo que se possibilite compreender como se dá sua prática clínica daseinsanalítica.

Foi encontrada, nas obras da autora, uma lógica crescente no que tange à abrangência do tema da Daseinsanalyse, sendo estudados neste artigo seus três livros publicados: *Conversa sobre terapia* (2004), o primeiro, que trata o assunto de maneira leve e acessível, inclusive ao público não ambientado ao tema, abordando o que compete ao terapeuta e ao paciente no *setting* terapêutico; *Do desabrigo à confiança: daseinsanalyse e terapia* (2007), segunda obra, na qual a autora amplia a discussão anterior, incluindo questões históricas e filosóficas; e, por fim, *Encontro com a Daseinsanalyse: a obra de Ser e Tempo, de Heidegger, como fundamento da terapia daseinsanalítica* (2015), momento em que Sapienza mergulha na principal obra do filósofo Martin Heidegger para descrever, sob o olhar da fundamentação filosófica, o paciente de uma terapia daseinsanalítica.

Bilê Sapienza nasceu em Itararé-SP, em 1936. Formou-se pedagoga em 1958, na Faculdade Sedes Sapientiae, em São Paulo. Seu mestrado foi realizado na PUC-SP e concluído em 1972, sob orientação de Joel Martins, um dos responsáveis pela divulgação da psicologia fenomenológica em São Paulo. Também nesse período (1971 a 1979), Sapienza lecionou na Faculdade de Educação da PUC-SP. Antes, tinha ministrado aulas de Psicologia na Escola Normal. Sua insatisfação com as teorias psicológicas nas aulas que lecionava e já não tão certa de sua inquestionabilidade motivou-a a aceitar um convite do professor Joel Martins para frequentar um curso seu sobre Heidegger. Foi nesse momento que seus passos começaram a apontar para a Daseinsanalyse. Decidiu abrir mão de suas aulas e começar a trilhar aquele novo caminho. Tomou conhecimento de um grupo de estudos sobre *Ser e Tempo*, coordenado por João Augusto Pompeia, e, sem saber, tinha encontrado a Associação Brasileira de Daseinsanalyse. Familiarizando-se com aquele pensamento, que rompia com tudo aquilo que conhecia, e aprofundando-se nos estudos em grupo com terapeutas fenomenológicos, decidiu retomar seu antigo desejo de ser psicoterapeuta. Em 1985, conquistou seu diploma de psicóloga na Faculdade Paulistana e adentrou na prática clínica na qual alicerçou e fincou sua história. Vive até hoje em São Paulo, onde manteve consultório particular para realização de processos terapêuticos e supervisão clínica até recentemente.

## 2 A DASEINSANALYSE ENQUANTO FENOMENOLOGIA DA EXISTÊNCIA DO PACIENTE

Chama a atenção nos escritos de Sapienza que, embora ela refira a Daseinsanalyse aos seus notórios fundadores, Ludwig Binswanger e Medard Boss, seu esforço é por encontrar ela própria as diretrizes para a abordagem terapêutica na filosofia de Martin Heidegger, tal como eles fizeram a partir da década de 1930. No livro *Do Desabrigo à Confiança* (2007), a autora situa a filosofia de Heidegger na linhagem do Existencialismo, enfatizando a especificidade do termo existência para designar exclusivamente o ser humano.

Em *Encontro com a Daseinsanalyse* (2015), a autora percorre o livro *Ser e Tempo* (Heidegger, 2012), que, para ela, é a principal base da Daseinsanalyse que todo profissional que elege essa abordagem deve estudar. Nesse livro de filosofia, Sapienza encontra os dois eixos que sustentam sua Daseinsanalyse: o método fenomenológico e o conceito de existência. Ela deriva essas concepções filosóficas para a prática concreta de terapeutas; isto é, na Daseinsanalyse, cabe ao terapeuta contribuir para uma investigação fenomenológica da existência do paciente em terapia.

Sapienza (2015) aponta que fenomenologia é o oposto de teoria. Significa deixar algo se mostrar tal como é. Para a terapeuta<sup>1</sup>, isso significa um cuidado para permitir que a experiência vivida pelo paciente possa aparecer tal como é para ele. A experiência é necessariamente multifacetada, cheia de nuances, e revela-se sob determinados aspectos em correspondência às perspectivas em que a abordam. Por isso, a investigação fenomenológica leva tempo e convida os participantes da terapia, paciente e terapeuta, a manterem-se abertos ao surgimento de significações previamente ocultas. Nas palavras da autora,

fazer fenomenologia não significa nem ignorar nem desprezar as teorias, mesmo porque elas já fazem parte de nosso mundo, mas sim suspendê-las, isto é, deixar que o fenômeno, ou seja, aquilo que diante de nós se mostra e ao mesmo tempo se oculta, possa ser olhado por nós a partir dele mesmo, possa aparecer sem a interferência de tudo aquilo que teorias já disseram sobre ele. No dizer de Husserl, 'voltar às coisas mesmas'. E, no momento da terapia, o fenômeno para ser explicitado, para ser compreendido, é a existência que está ali. (Sapienza, 2015, p. 28)

É por isso que quando alguém chega na terapia, o terapeuta pode deixá-lo falando e falando, como se estivesse se esvaziando. Faz isso para deixar que a discursividade sedimentada sobre sua vida possa ser percorrida e revelar-se até se esgotar, pois, só assim, outras perspectivas ou questões poderão emergir. Mas se o terapeuta lança mão de uma teoria psicológica, que funciona como uma estrutura interpretativa para fazer ver algo oculto por trás da fala do paciente, encerrará a narrativa da experiência numa significação determinada pela teoria e se fechará para outras possibilidades que poderiam vir a surgir.

Na mesma citação, a autora indica que a fenomenologia realizada na terapia é a do paciente, que é uma existência. Esse termo tem um significado bastante particular no livro *Ser e Tempo*, de Heidegger, que serve de suporte para a compreensão do que surge no processo terapêutico. O termo para se referir ao ser da existência é *Dasein*, que se traduz por ser-aí. Ou seja, o ser da existência é *Dasein*. Por isso, trabalhar com Daseinsanalyse significa reconhecer a condição de existência (*Dasein*, ser-aí) própria e do paciente.

Sapienza define existência como: “aquele *poder-ser* que se encontra sempre *já tendo-sido no mundo fático* que é o dele, decaído em meio a tudo que se apresenta na lida cotidiana” (Sapienza, 2015, p. 30). Nessa frase estão contidos aspectos fundamentais do conceito heideggeriano de existência e, portanto, da Daseinsanalyse de Sapienza.

*Poder-ser* refere-se à condição de possibilidade da existência. Significa que, em todas as situações e ações humanas, há futuros em jogo, mas que não estão

<sup>1</sup> Em toda sua obra, exceto nas histórias de terapia, Sapienza faz o uso do artigo masculino para se referir à profissão de terapeuta; entretanto, aqui serão usados ambos os gêneros, de modo que, em consonância com a motivação da pesquisa, exalte também a figura feminina na profissão.

garantidos. Assim, a existência age a fim de realizar algo ou realizar-se de um determinado modo. Como possível, também pode lhe acontecer de a vida tomar rumos completamente inesperados ou imprevisíveis. Ou seja, a dimensão existencial do *poder-ser* indica um futuro aberto, para o bem e para o mal. É o fundamento da possibilidade de mudanças sobre o qual a terapia se sustenta, e é, também, o motivo de uma sensação de ameaça que pode, às vezes, explicitar-se, convocando reações de proteção, evitação, resignação etc. *Poder-ser* significa poder perder a situação na qual a existência se reconhece e encontra familiaridade, perder os outros e, no limite, perder a própria vida.

Sendo um *poder-ser*, a existência depende de sentido. Essa palavra, como já explicado anteriormente, significa tanto significado quanto direção. Aponta, portanto, para aquilo em que se sustenta a significação das coisas, dos outros e das situações vivenciadas e para o futuro em direção ao qual a existência se dirige. “Sentido é”, explica Sapienza (2015, p. 40), “aquilo em que se move a compreensibilidade de algo”. É o fundo ou horizonte que circunscreve as possíveis significações das coisas, dos outros e de si mesmo em cada momento. Numa acepção mais simples, “é aquilo que na hora em que falta, todos nós sabemos do que se trata” (Pompeia & Sapienza, 2004, p. 164).

Além de *poder-ser* (dimensão de futuro), a existência também é “já tendo-sido no mundo fático”, que significa que, quando se dão conta que existem, já estão imersas em contextos sociais, históricos e culturais, falando uma língua não escolhida, sendo filho/a de pais e membro de uma família não escolhida, não tendo determinado sua fisionomia, seu corpo etc., nem os modos como o entorno social os interpreta. Ou seja, existir é herdar uma carga cultural, afetiva e simbólica não escolhida por si e precisar fazer a própria vida a partir disso. É por isso que “existir pode ser difícil, às vezes muito pesado” (2015, p. 81), diz Sapienza.

Os contextos culturais e significativos compartilhados são chamados de *mundo* na fenomenologia existencial de Heidegger e, portanto, na Daseinsanalyse, de modo que entender a terapia como uma fenomenologia da existência do paciente é assumi-la como um convite para a explicitação de seu ser-no-mundo, isso é, de como as coisas, os outros e si mesmo são sentidos e significados, e como vieram a constituir-se tais significações e afetos. Opera-se, assim, uma mudança do fatual (determinado) para o fático (situacional).

O termo fático é usado pelo filósofo em contraposição ao fatual. Fático indica que a situação está posta, mas seu desdobramento, por depender de futuro, não está determinado. Ou seja, que a existência nasceu e cresceu num determinado contexto é fatual, mas o que ela pode fazer com isso está sob sua

responsabilidade. Isso é fático, e isso é um encargo também não escolhido pela existência (faticidade, novamente) e pode ser vivenciado muitas vezes como um peso do qual se quer livrar.

Segundo a filosofia de Heidegger, a existência livra-se do peso de ter que fazer-se, entregando a responsabilidade por seu ser ao impessoal, ao ser como todo mundo. É o que a autora chama de *cotidianidade*. Na convivência diária, a existência age imprópriamente. “Nesse modo de ser da impropriedade, Dasein está acostumado, ele se encontra familiarizado com seu mundo, mesmo quando o que se apresenta a ele possa ser difícil, sofrido” (Sapienza, 2015, p. 79). É o modo como costumeiramente a existência acontece, meio que extraviada e alheia a si mesma, seguindo no fluxo da vida, sem atenção para a singularidade de sua história e sua vida. Na terapia isso aparece em falas como ‘a vida é assim mesmo’, ‘é culpa do passado’ etc. É o que na filosofia heideggeriana é chamado de *decadência* e que aparece na citação que define existência acima. Entregue ao cotidiano, a existência esquece sua proveniência e seu futuro e perde-se de si mesma. A terapia, segundo Sapienza (2015), é a oportunidade para dar voz a indagações e inquietações relativas ao perder-se na impessoalidade, ao entregar as escolhas de sua vida ao que é ou foi mais cômodo ou que parece ou pareceu mais certo, por exemplo. Daí a acolher existências que sentem que suas vidas carecem de sentido ou que não veem saída para a situação atual, que sentem o peso de um possível mudar de rumo, que lembram ou se esqueceram dos sonhos que deixaram para trás, que se arrependem dos caminhos escolhidos e que podem se perguntar, em momentos de lucidez sobre a finitude de suas vidas singulares: “E por que, para que a minha vida? Para que estou vivendo este tempo que de repente acaba?” (Sapienza, 2015, p. 83)

A terapia daseinsanalítica ancora-se na discursividade da existência, ou seja, sua condição de falar sobre o mundo ao redor e, assim, revelar o que e como o percebe e significa. A terapia é uma “conversa” (Sapienza, 2015, p. 89) na qual se articulam o compreender e a disposição afetiva, fazendo aparecer o sentido da existência, que, como visto, muito frequentemente permanece encoberto na *cotidianidade impessoal*.

### 3 AS ETAPAS DO PROCESSO TERAPÊUTICO

A análise das obras de Sapienza e das três histórias de terapia fictícias apresentadas pela autora em *Conversa sobre terapia* (2004) e *Do desabrigo à confiança* (2007) possibilitou que encontrássemos marcos comuns que pudessem sistematizar o processo terapêutico apresentado pela autora em quatro etapas. São elas: (1) A chegada do paciente – quando este procura a terapia, o acolhimento de sua queixa e a sensibilidade de compreensão

daquilo que não é dito; (2) o surgimento do vínculo entre paciente e terapeuta; (3) o aparecimento de novas possibilidades existenciais, sejam elas de realizações concretas, sejam de modos de perceber-se e significar-se; (4) a ‘cura’ ou desfecho do processo terapêutico.

A primeira etapa do processo terapêutico se dá na entrevista inicial com o paciente. Sapienza (2004) ressalta a importância da cautela e da paciência já nessa fase, quando é muito comum que o paciente chegue à terapia com uma queixa bem definida, muitas vezes com um rótulo psicopatológico, demandando pressa na solução do problema, tanto para eliminar o sofrimento que lhe acomete quanto por acreditar que a eficácia de um tratamento está atrelada à rapidez com a qual ele acontece. E, se o terapeuta daseinsanalista não toma esse cuidado, vai na contramão do que fundamenta o seu trabalho, que é o cuidadoso, e muitas vezes lento, processo de deixar o fenômeno mostrar-se a partir de si mesmo.

Sapienza (2004) considera que a queixa, isto é, aquilo que incomoda o paciente, muitas vezes não se presentifica de forma tão nítida no início do processo. Isso demanda da terapeuta um cuidado tão necessário quanto na situação anterior. O paciente precisa ser reconhecido como uma existência suscetível a ser atingida e tocada por tudo, tanto o que a alegra quanto o que a entristece, a sentir-se culpada ou que lhe falta amor, a estar insegura com suas decisões (Sapienza, 2004). Para a autora, “algo está doendo quando a pessoa procura a terapia, embora, às vezes, nem ela mesmo identifique aquilo como dor” (2004, p. 27). A maneira fenomenológica de estar com o paciente, mostrando-se atento ao que o diferencia, não cedendo à sedução de pressupostos que buscam classificá-lo em determinado diagnóstico é algo que se conquista aos poucos (Sapienza, 2007). Tocar em assuntos que fazem o paciente entrar em contato com suas dores pode machucar, mas esse sentimento aflora porque ele sente que naquele espaço é possível se abrir (Sapienza, 2004).

A segunda etapa do processo terapêutico aqui delimitada é o estabelecimento do vínculo entre paciente e terapeuta. Para Sapienza (2004), a terapia se inicia de fato quando o paciente vê na terapeuta alguém a quem possa confidenciar coisas nunca antes repartidas com outras pessoas; isto é, quando a figura da terapeuta passa a ser o outro que espera, a cada sessão, para recolher pedaços da sua história, e mais do que isso, quando é alguém em quem confia para exercer esse papel.

Sapienza (2004) indica que o afeto que surge na terapia entre terapeuta e paciente é fator essencial no encaminhamento da terapia. O vínculo se encontra carregado de amor, amizade, preocupação pelo outro, gratidão e solicitude. O tempo é imprescindível nesse trabalho a dois, no qual ambos trabalharão de forma a desdobrar os pormenores da vida do paciente.

Para Sapienza (2004), o clima da conversa de terapia pode ser facilitador na formação de um vínculo afetivo entre terapeuta e paciente; a conversa não precisa ser o tempo todo profunda e sisuda, mas também não pode ser confundida com um encontro entre amigos ou pais e filhos. Por vezes, a sessão comporta algum comentário leve sobre qualquer assunto ou uma brincadeira. No entanto, há de ser necessário avaliar as particularidades da sessão, pois, algumas pessoas podem se sentir pressionadas e procurar duplo sentido nas falas do terapeuta. Cabe, mais uma vez, ao terapeuta, entender que técnicas padronizadas não comportam a singularidade de cada existência.

Uma vez estabelecido o vínculo terapêutico, pode se dar o que estamos considerando a terceira etapa da presente sistematização: o aparecimento de novas possibilidades existenciais, sejam elas de realizações concretas, sejam de modos de perceber-se e significar-se. Sapienza (2004) destaca a importância dessa elaboração a cada sessão, pela qual, juntos, terapeuta e paciente reúnem pedaços de acontecimentos e significados que antes estavam dispersos na vida deste. A autora metaforiza que o sofrimento do paciente aparece nas sessões como “águas tumultuosas, traziam detritos, coisas boiando como lixo, mas que para a terapeuta era reciclável” (2004, p. 90). Os fatos da vida daquele paciente não irão mudar, o motivo que o aflige permanece o mesmo; são fatos. Entretanto, a existência é fática, isto é, encarregada de fazer algo de si mesma em direção ao futuro com base em seu passado. Assim, o sentido dos fatos pode mudar quando visto de outro olhar. Se, no processo terapêutico, alguém consegue reelaborar esses significados, antes já cristalizados, a realidade e, principalmente, o projetar-se ao futuro na vida da pessoa também pode se alterar.

Sapienza (2007, p. 42) descreve o paciente como sendo um ser desabrigado, angustiado, devedor, finito, vivendo na falta, e, ao mesmo tempo, podendo responder ao chamado de ser mais propriamente si mesmo, procurando um sentido, fazendo planos, querendo ser feliz, e carregando todos os conflitos próprios do existir humano. Sendo um ser tão inerentemente conflitivo, por mais que ele perceba que o sentido de sua vida não está indo na direção desejada, não é tão fácil mudar. É, portanto, essencial que a terapeuta entenda essa condição antes de ditar regras e direções a serem seguidas. Evidentemente, a terapeuta pode perceber qual aspecto do modo-de-ser do paciente teria de ser mudado, mas a autora reafirma a necessidade de o paciente perceber isso e querer mudar por si mesmo, ainda que diante de possibilidades que podem parecer assustadoras (Sapienza, 2004).

Para Sapienza (2004), é falando de sua existência que o paciente percebe sua forma de se posicionar no mundo, de lidar com os outros e de cuidar de si mesmo. E é nesse momento, quando se amplia sua “autotransparência” (2015, p. 28) e chega-se “mais honestamente perto de si mesmo” (p. 28) que se possibilita o desfecho (ou ‘cura’) do processo terapêutico, quarta e última etapa dessa sistematização. Sapienza entende ‘cura’ a partir de sua raiz etimológica: cuidado. Afirmam Pompeia e Sapienza (2004)

que “Terapia é pró-cura, isto é, terapia é para cuidar” (p. 156). É, portanto, devolver ao paciente a responsabilidade de cuidar da sua existência. Também quanto ao término, à alta, não é adotada a definição tradicional de finalização. Pompeia e Sapienza (2004) definem o encerramento como um des-fecho, des-fechar, i.e. abrir. O desfecho de uma terapia encerra e propõe, tira alguma coisa para por outra no lugar.

## 4 ILUSTRAÇÃO COM HISTÓRIAS DE TERAPIAS

Como forma de ilustrar as etapas do processo terapêutico citadas acima, serão expostas aqui, de forma resumida, as três histórias de terapias apresentadas por Sapienza. Tratam-se de casos fictícios criados pela autora.

### 4.1 Caso I - “O Coisinha”<sup>2</sup>

Ao procurar a terapia, o paciente fala sobre uma oportunidade de propulsão em sua carreira; aparentemente, buscou o serviço para obter ajuda em conquistar seus objetivos. Destaca que um colega de trabalho seria o preferido para o cargo almejado, mas que “tiraria essa pessoa do seu caminho” (2004, p. 32), não importando se seria por vias imorais, pois é apenas em si mesmo que deve pensar. O terapeuta escuta em seu discurso uma falta de respeito para com o outro. Isso lhe suscita um dilema ético: é função da terapia dar lição de moral e ditar o que é certo ou errado nesse comportamento do paciente?

O paciente conseguiu o cargo. Com essa postura, provavelmente ele conseguirá tudo aquilo que almeja: o sucesso profissional, o status e o dinheiro. Sapienza (2004) levanta questões que compõem o raciocínio clínico do terapeuta: mas isso é tudo? Em algum momento ele vai se sentir satisfeito ou vai querer sempre mais? O que essa existência sabe fazer para se sentir feliz? E quanto à sua relação com os outros, se ele vê os outros apenas como uma escada para alcançar seus objetivos, não seria essa existência muito mais solitária do que ela imagina? É demandado do terapeuta paciência para entender aqueles sentimentos e sentidos ocultos, que só podem ser desocultados quando se encontra a abertura humana.

Ao trazer para a terapia um envolvimento amoroso, o paciente apenas destaca a beleza física da moça, não demonstrando qualquer sentimento. Ao ser questionado pelo terapeuta se algum dia já amou alguém, o paciente conta de uma ex-namorada na época do colégio. Ele “quase” (Sapienza, 2004, p. 73) gostou da garota, mas, segundo ele, ela era muito boba, tinha muitos sonhos, dizia que o amava, mas tinha medo do jeito dele de pensar sobre a vida. Sapienza descreve que o paciente demonstra amargura ao falar desse caso, mas

<sup>2</sup> Esta alcinha é dada a esse personagem na segunda história de terapia, caso da professora de inglês, como forma de depreciar suas atitudes, reduzindo-o à uma ‘coisa ruim’.

quando questionado o porquê dos sonhos da garota o incomodarem tanto, ele desconversa. A cada tentativa de intervenção por parte do terapeuta se reafirma uma barreira intransponível que dificulta o estabelecimento do vínculo desse encontro.

A preocupação do terapeuta quanto ao modo de ser com os outros desse paciente toma proporções maiores quando ele chega à terapia machucado e relata ter sofrido um acidente de carro ao dirigir embriagado. Ele se machucou superficialmente, mas a moça com quem estava ficou gravemente ferida e com o rosto desfigurado, despertando-lhe nojo. O paciente relata sem o menor remorso ou pudor que subornou a mãe da moça para que a filha, que estava no banco do carona, assumisse a culpa do acidente. Após essa sessão o terapeuta decidiu que não iria mais atender o paciente.

O terapeuta se questionou se aquele paciente não seria um “psicopata” (Sapienza, 2004, p. 75), se não deveria encarar isso como uma doença mental; se deveria mesmo sentir tanta raiva assim de um paciente. Sentiu-se incomodado por ele o afetar tanto e resolveu retomar sua própria terapia e procurou supervisão. Veio a aceitar que o terapeuta não tem poder sobre o paciente. Refletiu que aquela pessoa provavelmente passaria pela terapia sem ser tocada, pois, para ela, o terapeuta parecia ser apenas alguém pago para escutar.

Seu modo de ser instrumental, por assim dizer, que reifica todos à sua volta, dificulta que os reconheça como existências. Assim, ele próprio, decadente na sua cotidianidade, fica distante dessa sua condição. A autora conclui que, neste caso, não foi estabelecido vínculo terapêutico.

#### **4.2 Caso II - “A professora de inglês”**

O segundo relato de terapia é de uma mulher que, ao procurar a terapia, fala atabalhoadamente sobre suas queixas cotidianas. Aflige-lhe a sobrecarga e o cuidado dos filhos e da casa, além do fato do seu marido não corresponder às suas expectativas românticas e seu estresse do cotidiano. Ao mesmo tempo em que reclama de suas dificuldades, nivela-os como se não tivesse o direito de se sentir insatisfeita com a vida que leva. Essa existência se apresenta perdida, como se o protagonismo de sua vida não lhe dissesse mais respeito; a única coisa que dá sentido à sua vida está depositada nos outros: no marido e nos filhos. O terapeuta indaga-se: Qual seria a postura da terapeuta diante de uma situação como essa? Julgar o modo de ser dessa existência que se apresenta como única possibilidade de ser esposa e mãe? Conduzir uma terapia diretiva que a diga exatamente o que fazer para sair dessa situação, enquadrando essa mulher no ideal de mulher moderna e excluindo suas particularidades?

Em determinada sessão, a paciente descreve um sonho, em que ela andava por ruas planas e escorregadias, as pessoas e os carros se misturavam, não existia calçadas ou áreas seguras, as ruas se emendavam uma na outra sem nenhuma alteração. Não tinha vida: tudo era cinza, árido e monótono. Ao destrincharem o sonho conjuntamente, a terapeuta aponta o quão semelhante era o sonho com a vida da paciente, como estava sem cor.

Após esse momento de reflexão, ao encontrar na terapia um espaço de diálogo sobre assuntos ditos sem importância, a paciente, aos poucos, começa a relaxar mais nas sessões. Aqui, identifica-se o início do estabelecimento de vínculo entre paciente e terapeuta. No desenrolar das sessões, apresentam-se episódios da vida dessa paciente e muitos significados que estão imbricados no modo como ela é-no-mundo que antes estavam enterrados para que não lhe doessem. Nesse momento, a história passada da vida da paciente aparece nas sessões, o que possibilita a terceira etapa do processo terapêutico.

Quando adolescente, era vaidosa, gostava de dançar e exalava alegria por onde passava. Apaixonou-se por um rapaz do colégio, mas com o tempo percebeu que ele tinha um modo diferente de enxergar a vida, apresentava desprezo pelos outros, era frio e imoral. Por isso, ela decidiu terminar o relacionamento. Foi quando sua vida começou a murchar. O rapaz vingou-se, espalhando boatos pelo colégio. Os boatos chegaram ao seu pai, que ficou furioso e agrediu-a física e verbalmente. Ela considera que nunca mais foi a mesma; a situação no colégio e em casa ficou insustentável. Por isso, foi morar uma temporada com os tios nos Estados Unidos. Quando retornou ao Brasil, conheceu o marido, teve filhos, decidiu abandonar sua carreira de professora de inglês para dedicar-se à casa e aos filhos. Mesmo sabendo que foi uma vítima da situação, a culpa lhe assola. Admite à sua terapeuta que, por muito tempo, acreditou que toda essa situação aconteceu em razão de seu modo de ser, pois era vaidosa e gostava de chamar atenção dos rapazes. Afirma que nunca teve coragem de admitir isso, pois seria de pronto repreendida, mas que, no espaço de terapia, sentia-se à vontade para falar sem ser julgada.

Em determinada sessão a paciente chega empolgada e relata que uma antiga amiga lhe ofereceu uma oportunidade de trabalho: fazer traduções. Foi quando se iniciou o resgate de um sentido de vida para ela. A paciente retoma sua carreira de professora de inglês e encontra mais afazeres que lhe dão júbilo. Reconsidera seu modo de cuidar dos filhos e consegue cadenciar essas relações. Volta a cuidar da sua aparência, retomando a vaidade de antes. Aqui, identifica-se a última etapa do processo terapêutico em que a paciente toma para si a responsabilidade do cuidado da sua existência, possibilitando a mudança de direção do sentido de sua vida.

Seu casamento começa a mudar, o marido conhece um lado diferente e alegre dela, e a própria paciente se mostra aberta para receber essas mudanças. Decide recobrar seu sonho de infância de casar-se na igreja e assim o faz. Ela convida sua terapeuta para o casamento, que a explica que tal proximidade atrapalharia o trabalho de terapia, conservando o vínculo afetivo terapêutico em sua especificidade.

### 4.3 Caso III - “A moça do acidente”

A paciente em questão era uma jovem que teve o sentido da vida capturado por um grave acidente automobilístico, por qual teve o rosto desfigurado. Sua vaidade foi abalada pela perda da beleza física, que ocupava um espaço importante em sua vida, e tornou-se descrente no amor e nas pessoas. Seu então namorado estava na direção do carro na ocasião. Após o acidente, ele pagou o tratamento e não a procurou mais. Essa história a atormenta e tira sua vontade de viver.

Suas sessões de terapia rondam em torno da tristeza que a assola, da sua falta de vontade de continuar vivendo, do sentir-se feia, da rejeição ao corpo que lhe restou do acidente e da mágoa do companheiro que a abandonou. Da parte da terapeuta, cabe o acolhimento dessa dor que se mostra tão presente. Muitas vezes, antes da sessão, a paciente se perguntava se devia continuar frequentando a terapia. Sua vontade de contar à terapeuta fragmentos que ia lembrando, os quais não se sentia confortável para compartilhar com mais ninguém, garantiam sua assiduidade nas sessões. Para Sapienza (2004), isto salienta o vínculo afetivo que se formava.

Em determinada sessão, a paciente lhe conta algo que a aflige: o fato de todos afirmarem que ela estava na direção do volante e não acreditarem quando ela diz ter certeza de que era seu parceiro quem dirigia. Questiona se a terapeuta acredita nela, a qual responde prontamente que sim. Era a única pessoa que acreditava nela.

A dor e revolta perante o acontecido continuam sendo pauta da terapia. Para além do acidente, os acontecimentos da vida da paciente também são abordados, como a convocação do trabalho e amigos para que ela deixe de se esconder e os planos de vida que ela antes tinha.

Certa vez, a terapeuta conta à paciente o caso do músico Beethoven, que também teve algo importante tirado da vida, quando perdeu a audição, e, mesmo sem poder ouvir suas composições, as oferecia ao mundo. A terapeuta indaga: o que a paciente tinha para oferecer ao mundo? A jovem responde que só podia oferecer revolta, diferente de Beethoven, que era um gênio. Isso abre espaço

para a terapeuta questionar “Tem razão, você é você. Quem é você? . . . Acho que seria bom você se conhecer mais, saber que outras características são suas, além daquelas, como a vaidade, por exemplo” (2007, p. 84). Essa sessão pode ser considerada fundamental no surgimento da terceira etapa, na qual aparecem novas possibilidades, a saber, de deslocar o olhar da dor atual para o futuro e os projetos de vida.

Em determinada sessão, a paciente relata um sonho em que vê terra revolvida, com um marrom de desenho de criança, como se estivesse esperando algo para ser plantado. A terapeuta questiona o que um desenho de criança significa: para a moça é algo que só fazemos quando criança e que perdemos, como a confiança. A terapeuta então a inquiriu se esse toque de desenho de criança também não era de confiança que podia ser retomada.

No trabalho, é promovida e lhe são atribuídas novas funções, que demandam mais contato com o público. Em um evento da empresa, um amigo a maquiou e tal ato teve grande importância na vida da paciente. Ela se questiona o porquê de ter ficado tanto tempo sem se cuidar, se deixar em evidência essas marcas era uma forma de deixar claro tudo que ela sofreu.

Finca-se, neste momento, a quarta etapa do processo terapêutico, em que a paciente entende como sendo sua a responsabilidade de cuidado por sua existência, mesmo diante das dores que também são parte de seu ser. Assim, ela muda sua postura diante das situações cotidianas. Lembra-se, então, da colocação da terapeuta: se ela escolheria fazer de sua vida um lamento pelas cicatrizes.

Novas cirurgias são feitas para amenizar as marcas das cicatrizes, todas bem sucedidas. A aparência física deixa de ser a queixa central. A terapia continua, agora, caminhando na direção de devolver confiança para alguém que acha que não pode mais confiar em ninguém no mundo, nem em si própria.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A forma de trabalhar na terapia proposta por Bilê Tatit Sapienza se dá sob a luz da fenomenologia, com um olhar voltado unicamente para o fenômeno – a saber, a existência do paciente – viabilizando-se como um trabalho artesanal, de criação exclusiva para aquele paciente (Sapienza, 2004). Isso ocorre uma vez que a prática da fenomenologia existencial suspende todas as teorias psicológicas e conceitos prévios, tendo como propósito deixar que o fenômeno se mostre e, ao mesmo tempo, oculte-se e possa ser olhado a partir dele mesmo (Sapienza, 2015).

A fundamentação teórica da Daseinsanalyse não se encontra em concepções tradicionais das chamadas teorias psíquicas e científicas, mas tem como base a analítica do *Dasein*, na obra *Ser e Tempo*, de Heidegger, para compreender quem é o paciente. Seu método é a fenomenologia, que difere do conceito tradicional de método enquanto conjunto de procedimentos padronizados.

Para o terapeuta iniciante, Sapienza (2015) salienta a necessidade da tolerância ao sentimento de desamparo por não ter uma teoria psicológica que explique o que se passa com o outro e forneça interpretações e intervenções por dedução. É necessário, também, que tenha experiência como paciente, pois só assim se aproximará de sua humanidade e suas limitações, podendo assumir-se como uma existência. Além disso, precisa frequentar por um tempo satisfatório a supervisão para familiarizar-se com a aplicação da compreensão fenomenológica no caminhar da terapia.

Ao longo de sua obra, Sapienza insiste na paciência como uma ferramenta fundamental para o desenrolar da terapia. A escuta pacientemente se dá com perguntas simples e pequenas observações. Em função disso, deve haver um esforço para a compreensão do sentido dos fenômenos que surgem na conversa terapêutica. Tenta-se entender os modos de ser-no-mundo do paciente, o mundo no qual os significados que ele verbaliza se assentam e como estão imbricados.

A terapeuta também precisa de tato para favorecer que aquele espaço de terapia seja tal que o paciente se sinta confortável e confiante para tomar em consideração seus modos de pensar, suas atitudes, sua lida com as próprias feridas e fraquezas e com os modos de ser-com-os-outros.

Além da escuta pacientemente, é necessário que o terapeuta tenha também uma escuta atenciosa, estando preparado para lidar com assuntos inesperados. O assunto a ser tratado na terapia surge na hora, a cada sessão, e deve ser evocado pelo paciente. Para Sapienza (2015), é necessário valorizar o que é falado, entender que o paciente fala de sua vida, e, mesmo que possam parecer questões sem importância, é nas cotidianidades da casa, do trabalho e da relação com os outros que se explicita o mundo do paciente, suas opiniões, seus julgamentos, e como se articulam seus sentimentos com isso.

Diante da vasta diversidade de assuntos que podem surgir na terapia, é necessário que a terapeuta esteja sempre atenta para o que se apresenta no discurso do paciente. É a cada sessão que se reúnem pedaços de significados que estavam dispersos na vida do paciente e esses significados, imbricados de forma tão peculiar, estruturam o sentido da vida da pessoa (Sapienza, 2004). Para além do que se apresenta verbalizado, há também a necessidade da terapeuta de dar um “passo para trás” (Sapienza, 2015, p. 97) para compreender em que se

sustenta aquele discurso, e, ao mesmo tempo, dar um “passo para frente” quando analisa, junto ao paciente, as diversas possibilidades de sua existência (p. 97). É nessa conversa especial que se pode abrir espaço para que a pessoa consiga se ver na sua facticidade.

Sapienza encontra em *Ser e tempo*, de Heidegger, uma descrição da existência humana que subjaz à sua interpretação dos fenômenos vivenciados pelos pacientes e que aparecem no encontro terapêutico. A existência de cada um se encontra lançada nas possibilidades de ser de si mesmo e “no ter de arcar com o seu existir” (Sapienza, 2007, p. 27). A abertura de mundo (e ao mundo) de cada um se dá compreensiva e afetivamente. No processo terapêutico da professora de inglês, por exemplo, todas as questões daquela existência são atravessadas pela tonalidade afetiva do tédio que a fazem nadificar tanto o que lhe deixa feliz quanto suas queixas. Sente-se triste com a vida que leva, mas tira de si a possibilidade de sofrer e mostrar-se insatisfeita. A paciente nivela os problemas cobrindo-os com o véu do ‘mas está tudo bem’, deixando, assim, de vislumbrar quaisquer mudanças que a tirem desse modo de viver direcionado sempre para o outro que nunca corresponde às suas expectativas.

A existência, mesmo diante de sua condição de *poder-ser*, desconhece o seu “de onde” e o “para onde”, que estaria ligado ao seu “destino” (Sapienza, 2015, p. 51). Essa condição de desconhecimento gera angústia, da qual o *Dasein* procura esquivar-se, decaindo na cotidianidade impessoal (modo-de-ser impróprio). A impropriedade, como já dito, é facilitadora da existência, por substituir-lhe na tarefa de fazer-se a cada vez de novo. Na história do ‘Coisinha’, por exemplo, é o conceito subjacente à interpretação de que, quando ele reduz sua existência aos ganhos profissionais e econômicos, o seu olhar voltado para si se reduz à irreduzibilidade do ‘sou assim, porque todo mundo é assim, e a gente precisa ser assim se quiser ser alguém na vida’. Seu movimento de se manter na superficialidade e afastar questionamentos que o façam olhar para a dor do outro e de si mesmo fixa-o na cômoda sensação de entrar em contato apenas com aquilo que é agradável.

O oposto da impropriedade é assumir a existência com propriedade, como ser voltado para a morte. A disposição afetiva que se dá nesse estágio é essencialmente a angústia; é quando a existência se assume como finita e unicamente responsável por seu ser. A paciente que sofreu o acidente automobilístico exemplifica esses conceitos. Ela se viu na propriedade desoladora após o acidente, quando teve o sentido de sua vida capturado, o solo frágil das certezas da vida desmoronou sob seus pés e todos seus projetos de vida, antes construídos, foram colocados à prova. Foi nesse momento de desabrigo que a paciente entrou em contato com sua fragilidade e percebeu sua finitude, tanto na forma do poder morrer

quanto da vulnerabilidade a situações imprevistas na vida. Ao mesmo tempo, é assumindo a condição de mortal que a existência descobre que sua vida é exclusivamente sua para ser vivida. Por isso, pode ouvir uma convocação – “o chamado da consciência” (2015, p. 60) - para ser si mesma. O chamado da consciência se dá quando a paciente, ciente de sua finitude, consegue desviar o olhar de sua dor e começa a ver na vida uma possibilidade também para sua existência. É o momento em que abandona sua postura de se esconder e quando são retomados e reconstruídos seus projetos de vida. A renúncia, aqui, é à sensação de preservação que o movimento de se esconder da vida lhe proporcionava.

O processo terapêutico de enxergar a finitude da existência pode ser doloroso, mas é o caminho para devolver ao *Dasein* a responsabilidade de seu próprio cuidado (Sapienza, 2004). Sapienza (2015) reitera, ainda, o papel de acolhimento do terapeuta, que não se limita apenas a simplificar as coisas para o paciente, mas explicitar o drama, para que ele possa apropriar-se da própria dor para poder cuidar dela. Embora seja difícil para quem está em sofrimento enxergar possibilidades que não sejam a repetição da dor, a terapeuta deve estar atenta para favorecer a chegada da abertura para outros futuros.

Assim, a presente pesquisa se propôs a sistematizar a obra da psicóloga e terapeuta daseinsanalista Bilê Tatit Sapienza, de modo que foi possível, por meio do estudo das suas três obras, a demarcação de quatro etapas no processo terapêutico, usando como aporte três histórias fictícias elaboradas pela própria autora. Com este estudo, tornou-se viável, também, a elaboração do fazer e do pensar daseinsanalítico, aprofundando desde a postura da terapeuta perante o paciente, passando pelo modo de conduzir a sessão, as competências exigidas para essa modalidade clínica, até a descrição da fundamentação filosófica que a sustenta.

Pode-se perceber, pelo olhar de uma mulher brasileira e contemporânea, uma clínica terapêutica que foge à regra da psicoterapia pautada na cientificidade e que visa o imediatismo da resolução de problemas e de verdades absolutas. A autora se preocupa, ao longo de toda sua obra, em preservar a seriedade da clínica que, apesar de não se basear nos pressupostos científicos tradicionais, não consiste em um vazio de referência teórica. É pelo olhar de Sapienza que se encontra, aqui, uma clínica voltada à aproximação genuína a cada paciente, favorecendo um vínculo que conduz às ressignificações, à mudança de olhar e ao surgimento de novas possibilidades da relação do ser com seu mundo. Nas palavras da autora, propicia-se a passagem da disposição afetiva do desabrigo àquela da confiança (no vir-a-ser), como foi possível demonstrar em dois dos três casos clínicos relatados.

Não temos a ambição de substituir a leitura das obras da autora. Esperamos que o material reunido e sistematizado aqui possa contribuir para uma maior compreensão e divulgação da Daseinsanalyse como possibilidade de prática terapêutica e suscitar a curiosidade dos leitores pela obra desta psicóloga brasileira.

## REFERÊNCIAS

- Conselho Federal de Psicologia (2013). *Psicologia: uma profissão de muitas e diferentes mulheres*. Brasília, DF: Conselho Federal de Psicologia. Disponível em: <https://bit.ly/2Y6spbM> (Acessado em 21/5/2020)
- Conselho Federal de Psicologia, & Instituto Brasileiro de Opinião e Estatística. (2004). *Pesquisa de Opinião com Psicólogos Inscritos no Conselho Federal de Psicologia*. Conselho Federal de Psicologia, 98-101. Disponível em: <https://bit.ly/2AJwef9>. (Acessado em 21/5/2020)
- Costa, B. A. da. (2017). Daseinsanalyse e Psicoterapia no Brasil: uma revisão integrativa da literatura. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 23(2), 177-188. Disponível em: <https://bit.ly/3762ogX>. (Acessado em 25/5/2020)
- Feijoo, A. M. L. C. de. (2011). A clínica Daseinsanalítica: considerações preliminares. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 17(1), 30-36. Disponível em: <https://bit.ly/2XH995u> (Acessado em 08/5/2020)
- Freitas, D. P. (2011). Daseinsanalyse e Liberdade. *Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse*, 15/16, 56-84.
- Heidegger, M. (2012) *Ser e tempo* (Edição bilíngue). Petrópolis: Vozes. Original publicado em 1927.
- Pompeia, J. A, & Sapienza, B. T. (2004). *Na presença do sentido: Uma aproximação fenomenológica a questões existenciais básicas*. São Paulo: Educ/Paulus.
- Pompeia, J. A, & Sapienza, B. T. (2011). *Os dois nascimentos do homem: escritos sobre terapia e educação na era da técnica*. Rio de Janeiro: Via Verita.
- Roehe, M. V. (2012). A Psicologia Heideggeriana. *Revista Psico*, 43(1), 14-21. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/11089/7614>. (Acessado em 25/5/2020)
- Sapienza, B.T. (2004). *Conversa sobre terapia*. São Paulo: Educ/Paulus.
- Sapienza, B.T. (2007). *Do desabrigo à confiança: daseinsanalyse e terapia*. São Paulo: Editora Escuta.
- Sapienza, B.T. (2015). *Encontro com a Daseinsanalyse: a obra de Ser e Tempo, de Heidegger, como fundamento da terapia daseinsanalítica*. São Paulo: Editora Escuta.